

APRESENTAÇÃO

PREGAS SOBRE UM TÍTULO:

FOTOGRAMA DAS TENSÕES E DISPUTAS DISCURSIVAS NA/DA ATUALIDADE

PLIEGUES SOBRE UN TÍTULO:

FOTOGRAMA DE LAS TENSIONES Y DISPUTAS DISCURSIVAS EN/DE LA ACTUALIDAD

Mara Glozman (UBA – Argentina/CONICET)

Vanise Medeiros (UFF; CNPq, FAPERJ)

“Compreendemos que há um processo discursivo que, no momento, sabemos não poder entendê-lo por completo” (SILVA SOBRINHO)

Um título e seus efeitos

“Assim como uma cidade”, nos avisa Compagnon (1996, p. 81), “o texto é cercado por todos os lados”. Por uma perigrafia que o circunda – nome de autor, referências bibliográficas, por exemplo – bem como, no caso, por um nome de revista, por uma instituição que a sustenta, para ficar com dois pilares importantes. O título faz parte dessa maquinaria que o cerca. No que concerne ao leitor, sinaliza veredas de leitura, convoca ou afasta, atrai ou afugenta, trapaceia. Intervém, pois, sobre a leitura. No que se refere a sua produção, pode nascer antes do texto, como um farol que o orienta ou uma cilada que o atrapalha; pode advir depois, como porto feliz de chegada ou como ponto final de uma jornada tormentosa. Pode se dar ao longo do texto, como momento epifânico; pode não se deixar inscrever, busca incessante sem o sossego do encontro. São vários os seus funcionamentos – pode ser prolixo (na ilusão de tudo ali dizer?) ou sintético (na ilusão da

justeza no dizer?); pode ser uma citação, uma alusão, um enigma posto por uma pontuação, caso das reticências que encabeçam a tradução de Tullio de Mauro na revista *Fragmentum*¹ – e seus efeitos. Dobra sobre o texto, trabalha a ilusão de uma correspondência entre o corpo textual e a formulação que o nomeia.

Um título é uma projeção no imaginário de texto ou de revista. No caso da revista, funciona como princípio de organização e produz o efeito de unidade, atrelando e tecendo uma trama entre artigos e autores, e, neste nosso caso, também resenha. Tem estatuto hierárquico: imperioso numa publicação acadêmica, ausente ou oculto pelo nome “Apresentação” no início de uma revista ou de um livro, por exemplo. Se um prefácio ou uma apresentação são retrospectivos, um título em uma revista é prospectivo: fragmento que se faz enunciado e se oferece como porta de entrada.

Um título costura um número de uma revista num triplo movimento: convoca, com a chamada à qual ele intitula, a escrita dos artigos; serve como gesto de agrupamento do que nela se encontra; norteia a leitura dos textos que compõem o volume.

Este número teve seu germen a partir de um feixe de inquietações relativas ao nosso presente. A chamada – no jogo polissêmico que esta palavra abre – trazia como ponto de partida não uma assertiva ou uma delimitação temática, mas a forma de uma pergunta como gesto para convocar uma reflexão coletiva: quais são os elementos da materialidade discursiva que insistem em aparecer? Quais os significantes em tensão? Há, e se há como funcionam, enunciados que permitem caracterizar disputas políticas presentes? Tais perguntas tinham como horizonte um convite a uma composição coral que – trabalhando sobre e com o dispositivo teórico da análise materialista do discurso – permitisse expor alguns traços desta conjuntura atual no que atinge funcionamentos, processos e elementos que intervêm nas tensões e nas disputas discursivas. Quais são essas tensões e disputas, que aspectos resultam relevantes, quais aparelhos reviram a arena de luta, que formulações de outras conjunturas ecoam no momento atual são questões que faziam parte, justamente, do que a chamada procurava recolher.

O ingresso na teoria materialista do discurso para essa chamada a apresentar trabalhos analíticos foi pensado no encontro de duas noções

¹ História da Ciência da Linguagem, das teorias Linguísticas, da construção do conhecimento sobre a(s) língua(s), revista **Fragmentum**, número especial, jul-dez, 2018.

que bordam o título formulado e constituem dimensões de uma mesma problemática: fotograma e atualidade. Ambas inscrevem na proposta de/ em análise o problema da estabilização de um momento a observar e suas relações com o movimento temporal, mais amplo, do qual participa.

A noção de fotograma permitia propor a autores e autoras uma problematização do recorte temporal. O fotograma captura certamente um momento, mas não estabelece suas sequencialidades por uma operação de somatória; é o intervalo como relação constitutiva o que sobredetermina a forma e o funcionamento específico que o fotograma adquire. Como explica Deleuze a propósito da prática de montagem do cineasta russo Dziga Vertov: “o fotograma não ‘termina’ o movimento sem ser ele também o príncipe da sua aceleração, do seu retardamento, da sua variação. É a vibração, a solicitação elementar de que o movimento se compõe a cada instante, o clinamen do materialismo epicuriano” (DELEUZE, 2004, p. 120, aspas do autor).

Tomando estas considerações como ponto de partida para produzir uma articulação com o olhar materialista sobre o discurso e os processos (inter)discursivos, entendemos por fotograma uma forma estabilizada mediante um procedimento de “suspensão” momentânea do movimento; um fragmento que emerge da materialidade em movimento por um gesto de leitura que, convocado por algum detalhe, põe nele sua mirada. O gesto produz o fotograma, que contém marcas de sua historicidade e traços de seu devir. Não se trata, então, de um corte sincrônico, mas da trama histórica funcionando, dado que “o fotograma é inseparável da série que o faz vibrar” (DELEUZE, 2004, p. 120). Assim considerado, um fotograma das disputas e tensões na/da atualidade envolve necessariamente temporalidades outras, a tal ponto que algumas análises convidam – como veremos – a um rodeio pela extensa duração da história, a uma viagem com paradas dispersas que, porém, permitem compreender melhor alguma dimensão desse momento atual. Longe de utilizar procedimentos que isolam um objeto-tempo mediante uma dissecação discreta, a noção de fotograma nos leva a olhar para um presente sempre habitado por ecos e feridas de presentes outros.

O que era uma proposta, um aceno, um apelo, tomou corpo, se fez presente e retornou adensado a partir das reflexões que aqui se encontram. Vários dos artigos jogam com o significante fotograma, inscrevendo-o na sua escrita para propor gestos analíticos e/ou para estabelecer laços com outros conceitos próprios do dispositivo da Análise de Discurso materialista desenvolvida no Brasil. Com efeito, as inquietações que convocaram a

chamada derivaram em questões outras e diversas advindas dos artigos que compõem a revista como voltas que não retornam ao mesmo lugar. Voltas em espiral que nos presenteiam com diversas propostas e adensam a ementa inicial. Pregas, vincos, dobras, quebras que nos levam aos recantos e desvãos da atualidade e que abrem trajetos de leitura.

Eixos transversais

Os artigos que compõem a revista nos fornecem uma trama que se tece por diferentes pontos de sutura: por materialidades, entendidas aqui como discurso, que, em alguns dos trabalhos, se aproximam; por conceitos que são objeto de reflexão em alguns artigos e que, em outros, sustentam as análises; e, enfim, por questões, problemas e inquietações que se tocam. Em poucas palavras, os pontos de sutura que entrelaçam os artigos neste número configuram eixos transversais: eixos que atravessam os trabalhos, aqui expostos, compondo fotogramas da atualidade.

Os artigos deste número nos jogam em gestos de leitura que incidem em reportagens e títulos de manchetes que se debruçam sobre sujeitos, em vídeos e fotografias de movimentos sociais e de propaganda governamental, em falas públicas, em enunciados e interlocuções que circulam e circundam instituições, em imagens advindas do fotojornalismo sobre as eleições presidenciais; em pintura, fotos e recortes fílmicos que denunciam sentidos sobre sujeitos, em formas de mascaramento e anonimato pela nomeação que desindividualizam sujeitos. Estamos diante, pois, de materialidades discursivas heterogêneas: linguísticas, imagéticas, sonoras e indumentárias que nos levam a compreender o funcionamento de discursos jornalísticos, midiáticos, políticos, científicos, insurgentes e estéticos.

No que se refere aos conceitos, os artigos trazem considerações que não têm apenas a função da exposição, mas que comportam um trabalho teórico e/ou analítico orientado a revisar, desde nosso momento atual e sobre a base das questões e materialidades específicas que abordam, elementos fundantes e fundamentais da perspectiva materialista. E é, justamente, de diferentes ângulos da perspectiva materialista que os conceitos da Análise de Discurso são repensados nos textos que esse número reúne.

O conceito de materialidade significativa (LAGAZZI, 2007) acompanha e costura distintos artigos; em alguns casos, na formulação teórica que introduz a análise; em outros, como condição de possibilidade

dos gestos de leitura. As reflexões deste número incluem também instâncias de trabalho teórico sobre os conceitos marxistas de processo e de produção a fim de mobilizar no dispositivo teórico e na análise uma das teses principais de Semântica e discurso, a saber, o caráter material do sentido. Com efeito, a problemática do(s) sentido(s) e a polissemia como condição constitutiva do funcionamento discursivo dos significantes são aspectos que atravessam vários dos artigos que aqui apresentamos. Nessa direção, o conceito de interdiscurso, com seu estatuto epistemológico, funciona – nas análises que o convocam – como ingresso para trabalhar as formas em que a memória discursiva ecoa. Em algumas propostas, interdiscurso como memória discursiva opera na articulação com elementos conceituais de uma análise discursiva da enunciação: vozes, porta-vozes e locutores são compreendidos nos efeitos das relações de (re)formulação.

Outro dos conceitos retomados na prática analítica é o de formação discursiva, que aparece nos gestos de leitura que procuram compreender os mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos que se inscrevem nas tramas das formações. O conceito de formação discursiva comparece, assim, como emergente de um trabalho relacional que compõe dispositivos analíticos orientados a descrever e interpretar dimensões das posições subjetivas na conjuntura atual. Um dos nós conceituais delicadamente trabalhado remete às modalidades de funcionamento subjetivo na relação com a evidência dos saberes da formação discursiva que domina o sujeito ou na qual se encontra inscrito. A problematização da tricotomia das modalidades de funcionamento subjetivo remetidas a ideologias e práticas políticas diferenciadas (identificação, contraidentificação, ruptura) orienta-se de modo a repensar uma teorização dos processos de resistência-revolta-revolução. Nessa articulação entre trabalho conceitual e questionamento aos processos políticos atuais – retomamos esse ponto ao final –, se faz presente o problema da autonomia, que dispara tanto uma reflexão conceitual como uma interrogação política que permitiria repensar uma pergunta materialista que marcou o século XX: não é só o que fazer, mas como fazer. Merece destaque, nessa série, a problematização teórica, política e analítica do conceito de Aparelho Ideológico de Estado, cuja potência explicativa não é negada, mas olhada a partir de uma reflexão sobre o papel geral da ideologia. Nessa mesma linha de trabalho, encontra-se em funcionamento a categoria de contradição, não como polêmica, mas como hiato que reúne elementos antagônicos na mesma conjunção, inclusive nas operações sintagmáticas propostas e/ou analisadas. Nesse percurso dos textos desse eixo dos conceitos, é possível ler, também, a necessidade de refletir teoricamente sobre o

silêncio ou, melhor dito, a necessidade de trazer a distinção entre silêncio e silenciamento (ORLANDI, 2007) para poder compreender aspectos do momento atual. Finalmente, encontra-se no volume um trabalho em torno do conceito de sobredeterminação. E é a partir desse conceito que precisa ser retomada, em vistas a um aprofundamento da aposta teórica do materialismo para a conjuntura atual, a relação entre discurso, história e complexidade temporal.

No que concerne às questões, aos problemas e às inquietações, o número se abre com um artigo que nos permite compreender a problemática da velhice e do envelhecimento em dois países, Brasil e Argentina, que, como nos mostra o autor, Silva Sobrinho, se fundaram “sob a égide da exploração do trabalho”. É a formação social com suas contradições, disputas e exclusões que se encontram sob a lente aguda do autor. A análise aponta, então, a problemática da relação entre discursos sobre a velhice e funcionamento dos modos de produção da riqueza e dos processos produtivos atuais.

Em seguida, temos um grupo de artigos que nos coloca face a tensões da/na sociedade brasileira: movimentos sociais, governo, instituições e eleições estão na visada a analítica dos autores. O artigo de Benayon, Osthues e Lagazzi nos permite observar os movimentos sociais no que eles comportam de “teatralização da resistência política” construída sob a égide do deslocamento dos sentidos pela paródia, que instala “um já-visto às avessas” afrontando e corroendo a violência policial que incide nas manifestações públicas brasileiras. Com a fina leitura feita de performances que se desenvolvem no interior de manifestações públicas, somos levados a observar o equívoco irrompendo a partir de corpos (corpos militares e palhaços-soldado) em confronto. Dos movimentos sociais nas ruas de 2013, caminhamos, com Fanjul, para as propagandas, comemorativas do golpe de 1964, produzidas por governos brasileiros em dois momentos distintos: 1975 e 2019. Um percurso que não se faz sem o assombro e estarrecimento diante “da regularização discursiva de atuais movimentos de direita no Brasil”. No material que analisa, seu olhar arguto se volta ainda para as ocultações e mutilações nas peças publicitárias, denunciando uma posição negacionista da documentação histórica e do conhecimento sobre a sociedade. A seguir, somos convocados, com o artigo de Esteves, a escutar a universidade, em seus gritos polissêmicos e em suas vozes que, domesticadas, param de gritar, bem como os “ouvidos moucos” dos representantes governamentais da educação que ignoram a universidade e seus representantes. Da paródia, ao assombro, chegamos agora, passando pelo lapso, à “forma cínica de pertencimento à formação discurso política

– que regula o que pode e deve ser dito no discurso político”, como nos lembra o autor. Com sua rica leitura, o autor denuncia o uso da linguagem pelo poder público nos lembrando que ele também um “construtor de linguagem” e que é preciso resistir e não ficar no engessamento que o cinismo pode nos jogar. No artigo que se segue continua a ser focalizado o governo brasileiro; agora são as eleições presidenciais de 2014, em que tínhamos uma mulher como candidata, Dilma. Retomamos, com o olhar de Menezes e Souza sobre o fotojornalismo, a disputa que se deu arduamente na imprensa e começamos, assim, a adentrar em um grupo cujas preocupações se concentram em questões vinculadas, de forma diferente, aos gêneros.

Dois são os artigos que nos levam a refletir sobre inquietações referentes ao feminino. O primeiro deles, de Bocchi, nos faz mergulhar em imagem pictórica do século XIX e imagens fotográficas dos séculos XIX e XXI. É o corpo da mulher negra e escrava lá e o corpo encarcerado, de agora, da mulher pobre, grávida, mãe, que se encontram sob a forte olhar analítico da autora. São corpos, invisíveis na sociedade, que, postos sob a luz das tintas ou das lentes fotográficas, discursivizam e historicizam a violência das relações sociais e a violência sobre a mulher. Talvez possamos dizer que, de fotogramas da maternidade negra, caminhamos, com o artigo de Silva, Garcia, Daroz e Sousa, para outros fotogramas da mulher e da mãe, agora a partir do estudo sobre personagens femininas do filme *Gritos e sussurros* de Ingmar Bergman. Aqui entram em cena, com a escrita sensível das autoras, imagens da maternidade e da mulher que atravessam a sociedade e sustentam modos de ser, de estar e de (se) produzir sentidos. Diferentemente do artigo anterior, aqui temos a mulher, burguesa e branca, em suas tensas relações familiares que nos levam a entrever uma outra instância: a da incomunicabilidade. Mas temos também a criada e com ela as instâncias e diferenças sociais que incidem sobre a mulher.

Lá, invisibilidade; aqui, incomunicabilidade: duas claves que cercam o feminino. É interessante, neste sentido, confrontar estes artigos com o de Courtine, que comparece traduzido neste número. Produzido para publicação vinculada a uma exposição, em Paris no MuCEM (Musée des civilisations de l'Europe et de la Méditerranée), sobre gênero feminino/masculino no Mediterrâneo (intitulada “Au Bazar du Genre”), o artigo porta uma reflexão sobre machismo e virilidade tomando a potência como valor. Partindo de uma leitura histórica do machismo arcaico, o autor nos conduz ao que indica como o encontro da virilidade, na Europa, com a morte após as duas guerras mundiais e a depressão dos anos 30, aspecto importante que nos permite refletir sobre gênero e trabalho. Ainda no artigo, o autor

se volta para o que indica como machismo latino a partir de estereótipos argentinos e mexicanos que se voltam, por sua vez, para a Europa e os Estados Unidos sob forma de mercadoria cultural (tango e filmes de e sobre a figura viril mexicana). Elementos de uma nostalgia, como nos diz, o machismo, no mundo contemporâneo, é da ordem do sonho, deslocado da realidade, da paródia e do ridículo. E o autor ainda adverte: “Es una propiedad del machismo, y de la virilidad en general, resucitar cuando los creemos disipados”.

Por fim, adentramos, com os dois artigos que fecham a revista, em questões que nos fazem refletir sobre transformações na América Latina e sobre dimensões teóricas que impactam as formas de pensar e analisar temporalidades do/no presente. O primeiro deles, de Beck, nos traz uma aguçada reflexão sobre processos de resistência-revolta-revolução. Revisitando sua tese sobre o “discurso dos insurgentes indígenas”, o autor lança seu olhar agora para comunidades autônomas zapatistas do século XXI e nos brinda com várias pontuações analíticas – como, por exemplo, a nomeação funcionando como uma recusa de identificação pelo Estado –, bem como com a necessidade de, conforme nos diz, ir à raiz de uma questão, a saber, “como se daria a ruptura com a ideologia dominante?”, e, por fim, destaca uma necessidade que se faz proposta, qual seja, a de investigar o que formula como “práticas políticas prefigurativas” em movimentos políticos. O último artigo, de Romé, constitui uma forte aposta teórica. Seu norte é a questão da temporalidade e, assim, se fecha o ciclo iniciado com a proposta da nossa ementa. Partindo de uma caracterização de diversas aproximações ao discurso que tem ampla circulação atual na Argentina (não só, mas especialmente Foucault e Laclau), Romé se propõe trazer conceitos-chaves da teoria materialista para colocá-los a jogar como intervenção epistêmica e política no campo de estudos sobre o discurso. Nessa direção, a autora nos conduz com firmeza por vários pontos, leituras e conceitos nodais, voltando a pensar a articulação Pêcheux-Althusser no que atinge especificamente a possibilidade de compreensão da complexidade temporal nos processos discursivos e na produção dos sujeitos.

Além dos artigos e da tradução, este número conta ainda com uma resenha sobre um livro publicado em 2019 e já importante para os estudos em Análise de Discurso: *Encontros na Análise de Discurso*. Efeitos de sentido entre continentes. Planejado, trabalhado e ruminado por um coletivo (Contradit), este livro lança um olhar para o passado, ao entrevistar alguns dos pensadores que participaram da cena de nascimento da Análise de Discurso na França, como é o caso de Francine Mazière, Michel Plon,

Paul Henry, Régine Robin, Jacques Guilhaumou, e no Brasil, como é o caso de Eni Orlandi. Ele percorre ainda trajetos de Pêcheux na América Latina, com as conversas com Roselis Batista e Julieta Haidar, e leituras que se faz na França atual, com Marie-Anne Paveau. Dissemos um olhar para o passado, mas importa sublinhar que lá não fica. De novo a temporalidade se faz aqui presente. Os diálogos fecundos que lemos no livro nos possibilitam não somente um aprofundamento neste campo teórico como ainda nos levam a descortinar, lá e (no) agora, impasses, descontinuidades, rupturas, deslocamentos que alimentam nossas reflexões.

Ainda as pregas

Silêncio e polifonia: quais são as vozes que, nesse presente, precisam ser ouvidas? Esta é mais uma questão/prega que os trabalhos aqui desenvolvidos suscitam.

Os artigos têm outro detalhe em comum: o papel da escuta. Escuta sustentada pela memória de práticas, escuta analítica, escuta social, condições de escuta, ouvir e não ouvir: aludida de formas múltiplas, essa inquietação não deixa de voltar nas reflexões aqui reunidas. Para além do silenciamento e do autoritarismo, aparecem figuras da voz/escuta que dão ao silêncio outra espessura: a possibilidade de transitar o presente à procura de um ritmo discursivo e um tom que consiga se deslocar da exigência verborrágica contemporânea, que seja em si mesmo materialidade significante. Quem fala, sim, mas também como se fala: com esse volume aprendemos que não só o silêncio é polissêmico: os gritos e os sussurros falam sobre relações de classe e olhares de gênero, sobre posições de sujeito e leituras dos corpos, historicamente significados. E corpos que se põem em movimento: através de Beck, o (neo)zapatismo ensina a (po)ética da pergunta como prática política: “caminhar perguntando”, “preguntando caminamos”.

A escuta como inquietação e como método analítico também nos leva a (re)pensar quais são as possibilidades para essa América Latina além do imediatamente visível no cenário atual. No começo dos anos 80, no Colóquio *Materialités Discursives*, Courtine e Marandin (2016) formulavam um título que se tornava expressão precisa naquela conjuntura de revisão da teoria materialista: “Qual objeto para Análise de Discurso?” Trazemos então, mais uma vez, a pergunta como convite para a leitura: qual Análise de Discurso para esse nosso presente atual?

Referências

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: editora da UFMG, 1996.

COURTINE, Jean-Jacques; MARANDIN, Jean-Marie. Que objeto para a Análise de Discurso? In: CONEIN, B.; et al (Orgs.). **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2016.

DELEUZE, Gilles (1983). **A imagem-movimento. Cinema 1**. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: *Assírio e Alvim*, 2004.

LAGAZZI, Susy. O recorte significante na memória. Apresentação no III SEAD – **Seminário de Estudos em Análise do Discurso**. UFRGS, Porto Alegre, 2007.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, M.; et al. (Orgs.). **Materialidades discursivas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2016.